

Nota Informativa 07/04/2025

E.U.A.: Avaliação do anúncio de direitos aduaneiros recíprocos nos Estados Unidos

Avaliação inicial

- Os anúncios do “dia da libertação” de Trump colocam os direitos aduaneiros no limite superior do que era esperado. Os direitos aduaneiros médios sobre as importações norte-americanas aumentariam de 3% para pouco menos de 30%, atingindo os valores mais elevados do último século.
- Um aumento dos direitos aduaneiros desta magnitude conduziria, a curto prazo, a um **cenário de inflação mais elevada e de menor crescimento a nível mundial**, que poderia ser amplificado por uma maior incerteza, embora seja difícil quantificar com precisão estes efeitos. Para além do impacto direto dos direitos aduaneiros, existem também efeitos indiretos na confiança dos agentes económicos e nas condições macrofinanceiras, entre outros fatores, e possíveis efeitos de segunda ordem na inflação. Estes efeitos dependerão também das retaliações de outros países, do nível a que os direitos aduaneiros são finalmente fixados e do tempo que decorre até atingirem esse nível.
- **Trump deixou em aberto a possibilidade de negociar estas tarifas.** As tarifas estão provisoriamente previstas para entrarem em vigor entre 5 e 9 de abril. O Presidente advertiu que poderia impor tarifas ainda mais elevadas aos países que retaliassem.
- **Estamos a entrar numa nova fase de incerteza global.** Conhecido o ponto de partida (os anúncios até 2 de abril), não há clareza sobre qual será o ponto de chegada e quanto tempo será necessário para o alcançar. Em particular, não é claro se haverá negociações ou se os países afetados, em especial a UE e a China, imporão medidas de retaliação que poderão agravar a guerra comercial. Um possível cenário de “chegada” seria um novo impulso para acordos bilaterais e regionais, em que as atuais regras do jogo, baseadas no multilateralismo, deixariam de ser a norma.
- **O leque de riscos é vasto**, uma vez que as medidas anunciadas podem constituir um ponto de partida para um processo incerto de negociações. Este processo poderá conduzir a tarifas mais baixas do que as inicialmente anunciadas, sendo o impacto final nos preços e na atividade global menos prejudicial do que o atualmente estimado. Ou, caso contrário, a imposição de tarifas de retaliação intensificaria a guerra comercial. Por outro lado, a administração americana poderá avançar com tarifas específicas sobre sectores considerados fundamentais para os EUA, como os produtos farmacêuticos, os semicondutores ou os minerais críticos. A longo prazo, é provável que se verifique uma certa reconfiguração do comércio mundial, uma vez que os EUA parecem estar a afastar-se do papel de “parceiro fiável” que têm desempenhado desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Anúncios

- No dia 2 de abril, no chamado “dia da libertação”, o Presidente Trump revelou os pormenores da nova política comercial dos EUA. Para além das tarifas já em vigor, é imposta uma **tarifa mínima de 10%** sobre as importações de todos os parceiros comerciais (em vigor a partir de 5 de abril) ou **tarifas “recíprocas” sobre uma lista de 57 países** a partir de 9 de abril (ver quadro I) que se basearam nos défices comerciais bilaterais dos países em relação aos EUA. O Presidente Trump **declarou uma emergência nacional**, devido a um défice comercial persistente, como base jurídica para impor a nova ronda de direitos aduaneiros, pelo que a sua aplicação será praticamente imediata (não é necessária a aprovação do Congresso).
- De acordo com a administração Trump, o cálculo da tarifa recíproca a impor tem em conta as tarifas e as barreiras não tarifárias (como as regras sanitárias, as proteções da propriedade intelectual, a

manipulação da moeda) que os parceiros comerciais impõem aos EUA. Mas a realidade é que **a tarifa recíproca responde à situação comercial bilateral entre os EUA e cada país**. Especificamente, a fórmula aparente para o cálculo era aproximadamente metade do rácio entre o défice comercial bilateral de cada país com os EUA e as importações dos EUA provenientes desse país.

- A tarifa mínima de 10% para outros países foi implementada para evitar “batota” por parte dos parceiros comerciais que tentam redirecionar as suas exportações através de países terceiros para evitar tarifas.
- **A região mais penalizada é a Ásia**, com tarifas anunciadas para a China de 34% (que, somadas às já em vigor, elevam o total para perto de 70%); Vietname, 46%; Taiwan, 32%; Coreia do Sul, 25%; e Japão, 24%. A UE foi penalizada com uma tarifa de 20% e é de notar que não faz distinção entre países. O Reino Unido, o Brasil e a Austrália apenas estarão sujeitos ao mínimo de 10%. O México e o Canadá, que já estão sujeitos a uma tarifa de 25% para as mercadorias que não cumprem as condições da USCMA, ficaram de fora da lista de países. Estas tarifas mantêm-se em vigor, embora a ordem executiva assinada ontem sugira que poderão ser reduzidas para 12%. Neste sentido, foi dado um tratamento “preferencial” aos países vizinhos dos EUA.
- Por sector, **os produtos farmacêuticos, os semicondutores, a madeira, o cobre, certos minerais críticos e os produtos energéticos estão, por enquanto, isentos de quaisquer direitos aduaneiros**, embora se mantenha o risco de um direito específico numa data posterior. Continuam em vigor direitos aduaneiros de 25% sobre os automóveis, o aço e o alumínio.
- A cláusula de exceção de *minimis*, que isenta de direitos aduaneiros as importações de valor inferior a 800 dólares, foi igualmente eliminada.

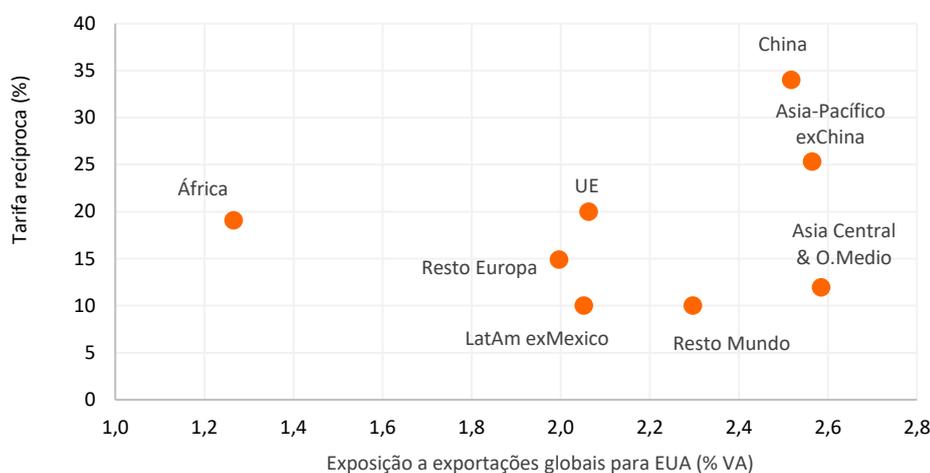
País	Tarifas recíprocas	País	Tarifas recíprocas
Argélia	30%	Malawi	18%
Angola	32%	Malásia	24%
Bangladesh	37%	Maurícias	40%
Bosnia Herzegovina	36%	Moldávia	31%
Botswana	38%	Moçambique	16%
Brunei	24%	Myanmar	45%
Cambodja	49%	Namíbia	21%
Camarões	12%	Nauru	30%
Chade	13%	Nicarágua	19%
China	34%	Nigéria	14%
Costa do Marfim	21%	Macedónia do norte	33%
R.D. Congo	11%	Noruega	16%
Guiné equatorial	13%	Paquistão	30%
UE	20%	Filipinas	18%
Malvinas	42%	Sérvia	38%
Fiji	32%	África do Sul	31%
Guiana	38%	Coreia do Sul	26%
Índia	27%	Sri Lanka	44%
Indonésia	32%	Suiça	32%
Iraque	39%	Síria	41%
Israel	17%	Taiwan	32%
Japão	24%	Tailândia	37%
Jordânia	20%	Tunísia	28%
Cazaquistão	27%	Vanuatu	23%
Laos	48%	Venezuela	15%
Lesoto	50%	Vietname	46%
Libia	31%	Zâmbia	17%
Liechtenstein	37%	Zimbábwe	18%
Madagáscar	47%		

Fonte: BPI Research, a partir de dados da Casa Branca.

Impactos macroeconómicos

- **As economias asiáticas, entre as mais expostas e as mais penalizadas pelos direitos aduaneiros.** Considerando o valor acrescentado ligado às exportações globais de bens para os EUA no seu conjunto, a exposição da China ascenderia a 2,5% da sua economia total. O valor é semelhante para o agregado dos restantes países da Ásia-Pacífico, embora com uma heterogeneidade acentuada entre a menor exposição do Japão e da Índia e os valores elevados da Coreia e do Sudeste Asiático, destacando-se o Vietname com uma exposição próxima de 10% do PIB. Em contrapartida, a Europa e a América Latina (excluindo o México) revelam uma menor integração nas exportações globais para os EUA, com a pauta recíproca, neste último caso, a situar-se num mínimo de 10% para a maioria dos países (com a principal exceção da Venezuela).

Exposição a exportações globais de bens para os EUA e tarifa recíproca por regiões

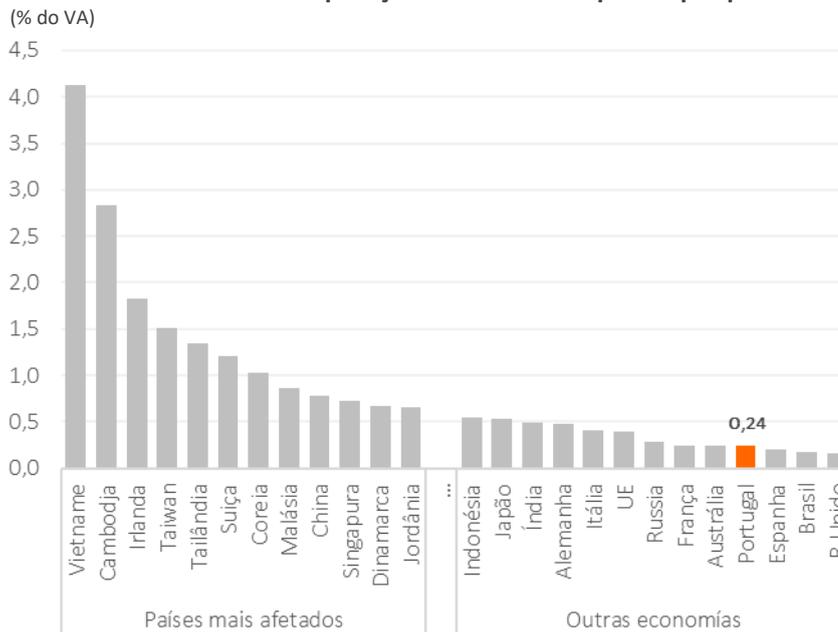


Nota: Valores ponderados pelo PIB nominal.

Fonte: BPI Research, a partir de dados da OCDE (ICIO 2019).

- **O impacto na Ásia seria significativo.** Partindo do princípio de que o volume das importações de mercadorias provenientes dos EUA diminui na mesma percentagem dos direitos aduaneiros aplicados, os países suscetíveis de sofrerem, de longe, o maior impacto inicial da sua entrada em vigor seriam o Vietname (4% do PIB) e o Camboja (perto de 3%). No caso da China, o efeito dos direitos aduaneiros recíprocos seria ligeiramente inferior a 1%, para além do efeito dos direitos aduaneiros já aplicados desde janeiro (os direitos aduaneiros efetivos dos EUA sobre a China aumentariam de 10-15% até ao final de 2024 para cerca de 70%). No entanto, há que ter cuidado com os números relativos a alguns dos países potencialmente mais afetados, uma vez que uma elevada percentagem das suas exportações para os EUA está ligada a sectores até agora excluídos dos direitos recíprocos, como os semicondutores ou os produtos farmacêuticos.
- **Impacto potencial moderado nas principais economias europeias.** Combinando uma exposição de 2,1% da economia e uma tarifa recíproca de 20%, o impacto potencial inicial na UE poderia ser de 0,4% do PIB, acima da média no caso da Alemanha e da Itália, e abaixo da média nos casos de França e Espanha (0,2%). Este primeiro efeito moderado seria amplificado num cenário de abrandamento dos fluxos comerciais globais, embora pudesse ser compensado por uma orientação orçamental mais expansionista no contexto dos planos de defesa europeus e também pelo impulso alemão ao seu investimento público.

Potencial efeito inicial da aplicação das tarifas recíprocas por país



Nota: Elasticidade procura-preço igual a -1 em todas as economias. Considera-se que a tarifa recíproca aplica-se sobre todos os produtos de importação.

Fonte: BPI Research, a partir de dados da OCDE (ICIO 2019).

- **Heterogeneidade no impacto setorial.** Entre os países asiáticos, destacam-se o sector têxtil, com uma exposição que atinge mais de 30% no caso do Vietname, a indústria química, a borracha e os plásticos e os metais, bem como os sectores dos produtos elétricos, da eletrónica e da maquinaria (para mais pormenores, ver o quadro de exposição global aos EUA no anexo). Na Europa, os sectores potencialmente mais afetados incluem a indústria química (10% do valor acrescentado ligado à procura final dos EUA) e os sectores dos transportes, máquinas, produtos elétricos, eletrónica ou metais (todos entre 6 e 9%). O sector farmacêutico, com mais de 20% do seu valor acrescentado ligado à procura final dos EUA, foi excluído, por enquanto, das novas medidas pautais.
- Aplicando a tarifa recíproca às importações de cada mercado individual e assumindo uma repercussão total para o comprador, estimamos que **o nível de preços da economia dos EUA poderá inicialmente aumentar cerca de 1,5%**, com cerca de 0,9 p.p. a corresponder a bens finais e o restante a bens intermédios¹. Neste cenário, a inflação média nos EUA em 2025 poderá atingir 4%. Esperamos que, caso se concretize, este aumento de preços provoque uma erosão significativa do poder de compra dos consumidores e da posição competitiva das empresas, afetando negativamente o crescimento económico. Esta situação complicará a tomada de decisões da Fed, uma vez que terá de equilibrar os riscos de uma inflação mais elevada com a fraqueza da atividade.
- **Se o aumento das receitas aduaneiras for utilizado para financiar reduções de outros impostos ou para compensar as empresas e as famílias, o impacto na atividade será mais moderado.** O ponto de partida para as receitas pautais é relativamente baixo, representando apenas 0,3% do PIB em 2024. De acordo com os pressupostos acima descritos, a entrada em vigor das novas medidas poderia gerar uma receita adicional de 1 a 2 p.p. por ano, dependendo da redução das importações e da tarifa efetiva final. Esta situação poderia gerar receitas fiscais que permitiriam conceber políticas orçamentais para compensar parcialmente as famílias ou as empresas pelo aumento da inflação a curto prazo. Por outro lado, é possível que este espaço orçamental adicional possa ser utilizado para financiar uma redução

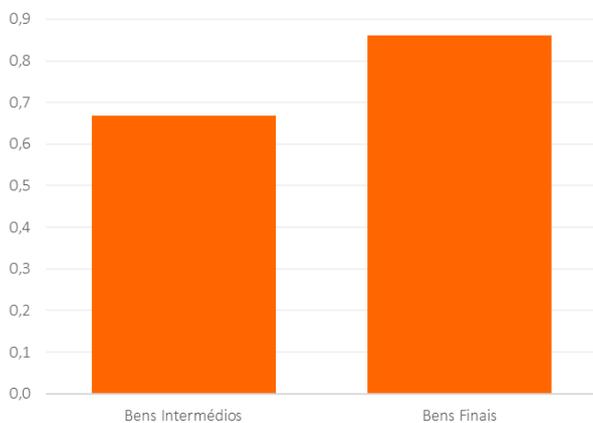
¹ Numa nota recente, a Reserva Federal identificou os diferentes impactos destes dois canais, estimando um efeito maior mas mais breve sobre a inflação dos bens finais e um efeito mais progressivo mas mais duradouro sobre os bens intermédios: [The Fed - How Do Trade Disruptions Affect Inflation?](#)

dos impostos.

Potencial efeito direto da aplicação das tarifas recíprocas

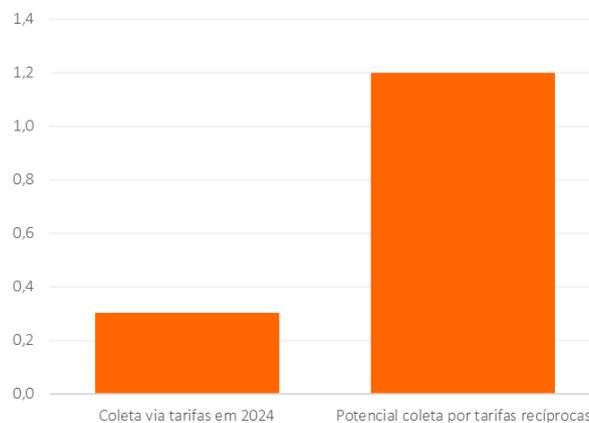
Sobre a inflação nos EUA

Em p.p.



Sobre a coleta de impostos

Em % do PIB



Nota: Considera-se que a tarifa recíproca é aplicável a todos os produtos de importação.

Fonte: BPI Research, a partir de dados de COMTRADE (2023) e da OCDE (ICIO 2019).

- **Incertezas quanto à reorganização das cadeias de valor globais.** As anteriores medidas de política comercial sobre o Canadá e o México já tinham levantado sérias dúvidas sobre o futuro do tecido produtivo na América do Norte. Agora, o anúncio de tarifas recíprocas alarga esta incerteza ao que poderá acontecer na Ásia, uma vez que, confrontada com medidas semelhantes, a China conseguiu em 2018-2019 desviar parte do comércio através do Sudeste Asiático, em particular do Vietname, para manter os EUA como destino final dos seus produtos. Agora que toda a região foi sujeita a medidas potencialmente muito restritivas, existe o risco de gerar um excesso de produção, procurando mercados alternativos. E a UE parece ser o destino natural, dada a crescente conformidade entre as suas importações e as exportações da China², o que poderia conduzir a pressões desinflacionistas.

Impactos nos mercados financeiros até 3 de abril

- Em termos de divisas, o índice do dólar (DXY) caiu cerca de 2%, uma vez que os investidores reduziram as suas posições em dólares, e a maioria das divisas está a valorizar-se na sequência do anúncio. O euro está a ser negociado acima dos 1,10 dólares (o nível mais elevado desde o início de novembro de 2024) e a libra esterlina valorizou-se 0,7% e está acima dos 1,31 dólares.
- Os mercados monetários passaram a descontar como mais prováveis quatro cortes nas taxas da Fed em 2025, deixando o objetivo de dezembro para os fed funds em 3,25%-3,50%, e um novo corte em 2026. Isto implica que os mercados consideram que o risco de um abrandamento do crescimento é maior do que o de um aumento da inflação, o que levará a Reserva Federal a adotar uma posição mais acomodaticia. **A nossa avaliação é que, com um impacto tão elevado na inflação, a Reserva Federal terá de assistir a um enfraquecimento acentuado do mercado de trabalho para voltar a baixar as taxas de juro, pelo que aquilo que o mercado desconta atualmente nos parece algo excessivo.** Relativamente ao BCE, os mercados de futuros reduziram ligeiramente as expectativas para o nível de 2025 da taxa de juro e descontam agora uma maior probabilidade de uma descida para 1,75%.
- Nos mercados obrigacionistas, a primeira reação foi uma subida das *yields* devido aos receios de uma

² [The Fed - The Sectoral Evolution of China's Trade](#)

subida dos preços, mas o dia foi marcado por quedas significativas das taxas de rendibilidade em todas as partes da curva, nos dois lados do Atlântico. Nos Estados Unidos, os receios de crescimento fizeram com que as *yields* caíssem até -17 p.b. na parte curta, enquanto na parte longa, caíram cerca de 10 p.b. O rendimento do Tesouro a 10 anos caiu -17 p.b. na parte longa. A *yield* do *Treasury* a 10 anos atingiu 4%, o valor mais baixo desde outubro. Inversão da inclinação da curva europeia registada nas últimas semanas. O *bund* alemão está a ser negociado a 2,6%, o valor mais baixo desde o início de março, dias antes do anúncio do novo pacote fiscal para aumentar as despesas em infraestruturas e defesa.

- Nos mercados acionistas, a aversão ao risco dominou e as perdas alastraram pelos principais índices bolsistas mundiais. Na Europa, a maioria das bolsas registou quedas significativas, com perdas superiores a 3% no fecho, com exceção do IBEX 35, que caiu -1,2%. A liderar as quedas estiveram as acções industriais, tecnológicas e financeiras. As bolsas americanas encerraram com perdas de pelo menos 4% (S&P 500 -4,8%; Nasdaq -6%), arrastadas por fortes correcções nas empresas mais ligadas ao comércio internacional, como a Apple, a Amazon, a Nvidia e a Tesla. Por seu lado, os índices asiáticos, os primeiros a avaliar o novo cenário tarifário, também terminaram a sessão com quedas (Nikkei -2,8%; Hang Seng -1,6%, CSI 300 -0,6%).

- As perdas também se estenderam aos mercados de matérias-primas, devido aos receios do impacto dos direitos aduaneiros no comércio e na procura mundial de materiais. O preço do petróleo Brent caiu 6% para perto de 70 dólares, devido não só à incerteza, mas também ao anúncio da OPEP e dos seus aliados de que, a partir de maio, irão acelerar o ritmo de produção após os cortes na oferta, e o gás natural europeu (Dutch TTF) caiu 5% para 39 euros/MWh. Relativamente aos metais, os EUA isentaram alguns metais, como o cobre, o alumínio, o aço e o ouro, de tarifas recíprocas, o que está a amortecer as quedas de preços na sessão. O preço da onça de ouro mantém-se acima dos 3.000 dólares.

ANEXO

Global: Exposição aos EUA

(% do total do VAB em cada setor vinculado à procura final dos EUA, 2019)

	UE27	Zona Euro	Alemanha	França	Itália	Espanha	Portugal	Reino Unido	China	Japão	Coreia do Sul	Taiwan	ASEAN	Vietname	Malásia	Tailândia	Indonésia	Índia	Brasil	Rússia	México	Canadá
TOTAL	3,4	3,5	3,7	2,4	3,4	2,3	2,9	4,0	2,9	3,1	4,9	6,9	5,1	11,3	5,2	6,3	2,4	3,9	2,2	2,6	16,3	13,8
Agricultura	2,3	2,4	1,5	2,0	2,3	2,3	2,6	3,1	2,2	1,2	2,3	3,8	3,5	8,9	3,0	5,1	2,4	2,1	2,4	1,2	14,9	20,2
Minérios	4,7	5,1	4,8	4,3	4,0	5,4	6,8	9,8	3,3	6,6	6,5	8,1	4,2	6,1	5,0	5,9	3,4	5,3	9,8	6,3	33,1	46,0
Manufaturas	7,1	7,4	7,0	5,4	6,8	4,3	5,1	6,6	5,3	6,9	10,3	12,0	8,9	18,3	10,7	9,0	4,2	6,4	4,2	3,8	28,8	29,9
<i>Alimentação</i>	2,9	3,2	1,2	3,3	3,6	2,4	2,2	2,3	1,7	0,7	2,4	2,6	3,3	7,8	2,6	6,0	2,0	2,6	1,5	0,6	6,7	16,5
<i>Têxtil e vestuário</i>	4,7	5,0	2,0	3,4	7,3	3,1	6,2	2,0	10,2	3,8	6,4	15,4	18,9	34,1	11,6	8,3	15,7	9,6	1,6	0,7	30,5	13,6
<i>Madeira e papel</i>	4,6	4,8	5,2	4,0	4,4	3,9	7,5	3,6	5,0	3,1	6,8	8,3	7,5	17,9	7,2	6,9	5,9	8,5	8,4	2,6	18,4	31,8
<i>Coque e ref. de petróleo</i>	5,6	6,2	4,2	4,1	4,7	6,2	10,9	6,5	3,5	3,1	8,9	9,0	3,9	8,7	5,2	6,4	2,0	7,3	5,4	8,2	17,2	27,2
<i>Química</i>	10,0	10,3	8,6	8,1	6,9	5,7	4,9	9,0	5,7	7,2	9,0	10,5	8,0	13,4	8,1	8,3	4,9	7,7	4,4	5,3	16,5	35,5
<i>Farmacêutica</i>	22,4	22,2	15,0	11,2	14,5	8,3	12,5	13,6	1,7	7,4	7,4	5,5	14,8	1,9	7,3	2,3	0,8	14,6	1,1	0,4	4,6	26,4
<i>Borracha e plásticos</i>	5,5	5,6	5,7	5,3	5,7	4,9	6,6	6,3	7,6	7,2	12,0	15,8	14,6	22,1	12,0	19,3	8,3	5,1	3,7	1,7	33,0	37,9
<i>Outros minerais não metal.</i>	4,2	4,5	3,9	2,9	7,1	6,3	5,0	3,2	2,2	4,6	4,8	7,8	3,6	7,2	4,0	2,8	1,4	2,4	4,5	1,1	21,6	20,0
<i>Metais</i>	6,2	6,3	6,7	4,7	7,1	5,0	5,0	6,1	4,2	6,8	8,9	14,3	9,9	15,9	10,1	11,0	5,9	5,2	8,4	5,5	38,9	32,0
<i>Computadores e eletrônica</i>	6,7	6,8	7,4	6,6	5,0	3,3	6,5	4,3	10,2	7,5	12,2	12,5	13,2	14,1	21,4	12,5	6,1	3,0	1,7	1,3	45,3	25,2
<i>Produtos elétricos</i>	6,3	6,5	6,8	6,8	6,1	5,0	5,5	5,2	6,6	8,0	10,6	12,2	8,1	13,2	14,5	12,8	3,6	3,6	2,8	1,9	51,8	26,1
<i>Máquinaria</i>	8,3	8,5	8,7	7,9	8,7	5,2	3,9	10,0	4,1	8,6	9,3	11,4	9,3	12,3	12,5	10,0	3,0	4,2	5,5	1,6	33,6	35,0
<i>Veículos de motor e atrelados</i>	7,3	7,6	8,3	2,3	7,8	4,2	3,3	13,1	3,1	16,6	21,0	18,0	3,5	11,8	2,7	5,0	1,7	2,7	2,9	0,5	47,9	56,1
<i>Outro equip. transporte</i>	7,1	7,2	4,8	10,1	8,6	4,3	3,2	7,8	2,6	7,9	4,1	12,8	6,7	2,1	2,4	4,5	0,6	1,8	16,7	2,0	25,7	25,4
<i>Outras manufaturas</i>	5,8	6,1	4,6	3,0	5,4	2,5	3,6	5,3	12,8	2,7	5,1	12,9	17,2	33,8	12,5	11,8	12,4	21,3	3,7	2,5	31,3	21,9
Utilities	2,6	2,7	2,9	2,0	3,0	2,2	2,6	2,1	2,4	1,6	4,7	7,5	5,1	9,3	5,0	6,1	1,9	2,6	2,0	2,0	17,8	12,4
Construção	0,7	0,7	1,0	0,2	1,0	0,5	0,6	0,7	0,0	0,2	2,7	1,0	0,3	0,5	1,0	0,2	0,1	0,4	0,3	0,5	0,5	9,2
Serviços	3,8	3,9	4,1	2,9	3,6	2,7	3,6	5,2	2,8	3,1	0,2	6,1	5,8	9,2	5,8	7,2	2,5	5,8	2,5	2,4	16,2	1,7
<i>Serviços comerciais</i>	4,8	5,0	5,1	4,5	5,5	3,7	4,4	4,9	4,9	5,3	4,1	9,0	6,9	14,3	8,3	8,6	3,6	4,8	2,8	3,0	23,9	13,7
<i>Transporte e logística</i>	5,4	5,6	6,4	4,9	5,2	3,9	6,2	6,0	3,8	3,2	6,1	10,5	5,9	11,1	5,4	8,4	2,2	3,2	3,6	3,4	20,5	22,2
<i>Hotelaria</i>	3,0	3,0	2,4	3,5	3,8	1,5	5,4	2,6	1,7	2,0	7,5	3,8	3,7	4,6	2,1	5,2	1,1	4,2	0,9	1,5	15,8	23,6
<i>Informação e comunicação</i>	3,7	3,7	4,4	2,1	2,9	3,7	3,0	4,5	1,6	2,3	5,8	4,1	4,4	3,4	2,2	5,3	1,5	15,5	2,7	3,0	7,0	13,8
<i>Financeiro</i>	4,3	4,6	5,0	2,9	3,5	2,8	3,1	9,8	2,2	2,6	3,6	3,8	5,2	8,8	5,5	5,6	2,1	4,7	1,8	1,9	7,2	15,1
<i>Imobiliário</i>	1,1	1,1	1,4	0,8	1,2	0,8	0,9	0,6	0,9	0,5	3,5	1,3	2,3	2,4	1,4	3,2	1,1	0,3	0,6	1,0	3,1	5,0
<i>Outros serviços</i>	4,6	4,7	4,7	3,2	3,8	3,5	3,7	7,8	2,6	4,1	2,9	7,4	8,3	6,8	9,1	6,2	3,4	8,6	4,3	2,7	16,9	18,3

Fonte: BPI Research, a partir de dados da OCDE (TiVA- Trade in Value Added).

BPI Research, 2025

AVISO SOBRE A PUBLICAÇÃO “NOTA INFORMATIVA” DO BPI

Publicação do Banco BPI preparada pela sua Área de Estudos Económicos e Financeiros que contém informações e opiniões provenientes de fontes consideradas confiáveis. O Banco BPI não garante a precisão do mesmo e não é responsável por erros ou omissões neles contidos. Este documento tem um objetivo puramente informativo, razão pela qual o Banco BPI não é responsável, em qualquer caso, pelo uso que dele se faz. Opiniões e estimativas são propriedade da área e podem estar sujeitas a alterações sem aviso prévio.

07/04/2025